

TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO: E O FUTURO, A QUEM PERTENCE?

19/08/2008

Matheus Andrade*

Antes de existir computador existia a tevê.
Antes de existir a tevê existia luz elétrica.
Antes de existir luz elétrica existia bicicleta.
Antes de existir bicicleta existia enciclopédia.
Antes de existir enciclopédia existia alfabeto.
Antes de existir alfabeto existia a voz.
Antes de existir a voz existia o silêncio.
O silêncio.

(Carlinhos Brown/Arnaldo Antunes)

No começo só havia o silêncio. O silêncio e nada mais. Aliás, havia escuridão e silêncio. Um ambiente completamente apático, insensível, vazio. Porém, logo fez-se a luz (*fiat lux*). E o som também. Assim, surgiram as pistas para as primeiras formas de comunicação social com uma deixa para a invenção de elementos capazes de carregar consigo idéias, significações, sentidos, emoções, tornando possível estabelecer formas de relacionamento entre os homens.

Desde então, a comunicação entre os seres humanos se desenvolveu dando maior centralidade aos sentidos da visão e da audição. Basta prestar atenção para atestar que boa parte da experiência informacional cotidiana é transmitida e adquirida via tais sentidos (não descartando, jamais, outras formas de comunicação e técnicas mediadoras que se debruçam sobre outros sentidos do corpo humano).

Com a luz, as informações saíram aos olhos. Com o som, abriram-se os ouvidos para o mundo. E, desta feita, as organizações sociais assumiram sua forma principal de comunicação como sendo audiovisual. Logo as tecnologias da área concentraram suas forças em tais funções orgânicas. Tanto que as primeiras formas de comunicação, arrisca-se dizer que, foram através de grunhidos, gestos e gritos (não necessariamente nesta ordem), o que também deram diretrizes para a criação e o aprimoramento das técnicas em questão.

Vale ressaltar que tal condução definiu certos valores, hábitos, ações, sentimentos, modos de relações, tratados econômico, políticos, formas de socialização. Enfim, guiou para um certo ajuste cultural nas civilizações.

A partir de então, a odisséia proceguiu para outras terras, caminham em busca de outros tempos. A luta passou a ser pelo reajuste temporal e espacial nas formas de comunicação, isto é, como se comunicar à distância no menor tempo possível? E como dar maior durabilidade às mensagens?

Estratégias incipientes de lidar com essa condição de tempo/espaço foram os sinais de fumaça no alto das montanhas e o toque dos tambores por entre as florestas. Desenhos e pinturas rupestres deram permanência ao que era dito. Técnicas visuais e sonoras pensadas a fim de suprir as problemáticas da lonjura e da velocidade com que as mensagens chegavam até o receptor.

Assim sendo, cada nova invenção para se comunicar trouxe uma série de conseqüências à sociedade. Em outras palavras, a aquisição e assimilação de cada tecnologia da comunicação reverbera na estrutura organizacional de um povo.

Com a ascensão da fala (o que estabeleceu a cultura da oralidade), tribos arranjaram-se de específicas maneiras, preservando seus valores sociais através de cantos e contos. Isso, de um ponto de vista, antecipou em séculos o funcionamento e o conteúdo dos meios de comunicação. Então, em seguida, veio a escrita e a instauração de novos hábitos no sistema comunitário. Os textos estabeleceram uma forma duradoura de preservação da memória coletiva. Documentos são a prova viva de acontecimentos e pertences. Notas fiscais são a prova de negociações legalizadas. As palavras grafadas legitimaram a verdade. O que é dito não possui a mesma veracidade ou o mesmo valor do que está escrito.

Com o passar dos anos vieram os folhetos relatores de “acontecimentos” sociais, o que dava abertura para se criar o jornal impresso e as primeiras noções de noticiabilidade. Temas nobres, cercados de determinados interesses, escritos e publicados sob o crivo de poucos são condições contidas no jornalismo desde muito.

Então os séculos XIX e XX trouxeram uma série de novidades técnicas que auxiliaram nas estratégias comunicacionais, influenciando gerações: a fotografia (Daguerreótipo) e o registro perfeito do real; o telégrafo com seu código binário e a diminuição da distância; o telefone e os sistemas internacionais de conexão; o cinema e a magia da simulação mimética da vida; o rádio e a voz de todas as tribos; a televisão e a sedução frenética dentro dos lares; o computador pessoal, a internet e as andanças da vida virtual; a telefonia móvel, os suportes digitais capazes de armazenar e transportar grande quantidade de dados, os celulares e seus artefatos, as mini câmeras e gravadores, a mobilidade da vida, da informação, da comunicação, em seu constante movimento entre os homens.

Em suma, trata-se de uma série de tecnologias usadas como próteses de nossos sentidos na atividade comunicativa. Na grande maioria, as mensagens permaneceram visuais e sonoras, só mudaram a forma de propagá-las. Criaram-se convenções sógnicas legíveis e audíveis para a vida em sociedade. Dimensões espaciais e temporais quase subexistem para o homem na contemporaneidade.

A velocidade das transmissões sufocam qualquer tentativa de pensar na distâncias entre os seres e os fatos. A corrida pelas novidades e suas maneiras de transmiti-las acelera a pacífica vida de outrora. A sensação da atualização informativa parece vital. Tornou-se quase uma doença o desejo pela informação. Aliás, cabe dizer que a curiosidade tem grande importância para a dinâmica da sociedade da informação.

Há ainda uma espécie de inclusão informacional em jogo. Não ficar sabendo é estar noutro mundo. É preciso estar ligado 24 horas no que “acontece” para se sentir vivendo no mesmo local que as outras pessoas, para fortalecer o espírito social e a segurança de estar contido.

Credibilidade, poder, construções identitárias, controle social, transformação cultural, entre outros, são aspectos um tanto evidentes dos mecanismos midiáticos. Na verdade, há uma centralidade de fenômenos inerentes à sociedade ocorrendo nas e pelas tecnologias da comunicação. Vistas de um ângulo, elas são quase Deuses na vida dos homens. Ou pelo menos fazem pensar sobre isso.

Aproveitando o trocadilho, as tecnologias da comunicação, em certa medida, são *onipresentes*, *onicientes* e *onipotentes*: onipresente porque elas fazem parte integral da vida humana, influi em todas as ações do dia-a-dia de todos; oniciente não por saberem de tudo sobre as pessoas, mas sim por concentrarem uma espécie de saber absoluto

para a vida social de muitos credores, um conhecimento de todos; e onipotente pelo fato de inferir sobre as organizações sociais, através de manobras sutis, as quais fazem o poder ser exercido sem tamanhas resistências.

Contudo, o homem permanece com o livre arbítrio que lhe é próprio: ele pode exercer ações que não passem pelos ditames midiáticos; ele pode buscar o saber em outras instâncias; e ele pode criar formas de resistências consistentes contra esse “todo poderoso” tecnológico.

E o futuro? A quem pertence? O futuro a Deus pertence? Necessariamente, não. Em si, tratando das tecnologias da comunicação, o futuro é o homem. A ele pertence.

Frente ao exposto panorama, é o homem quem deteve os caminhos para a salvação da vida em comunhão, do amor ao próximo, da irmandade, visto que tais condutas foram conduzidas pela comunicação social e suas tecnologias de facilitação; é o homem o agente das trocas de mensagens, da manutenção de uma ordem conjunta através de processos informativos, da implantação de idéias, valores e ações entre eles; é o homem o caminho da verdade – ou pelo menos das versões de “verdades”.

O desenvolvimento das formas de comunicação funcionam em cada período com características próprias, reformulando o social, o cultural, o político, o econômico e o resto. O livro, o jornal, o filme, a rádio novela, o futebol na tevê, tudo isso tem a força de pregar novas idéias no imaginário individual e coletivo. Recria a vida em grupo.

Os sujeitos criadores e realizadores de tais produtos midiáticos contêm uma aura divina, pois várias são as pessoas que idolatram tais homens, os põem em autar, ou até em seus lares, através de fotografia, músicas, pinturas, poster etc.

Enfim, o futuro ao homem pertence. Foi ele quem criou o Deus da comunicação, as ferramentas dos grandes fluxos de mensagens e das mudanças sociais. E assim, algo se prevê para o futuro comunicacional, mas, ao mesmo tempo, nada se sabe ao certo sobre as próximas invenções e seus efeitos. Talvez a salvação, ou, quem sabe, o apocalipse. Apenas acreditamos que novos Deuses virão. E, por tudo isso oremos.

* **Matheus Andrade** é professor substituto do Curso de Comunicação Social da UFPB.